

# Multiplicidade religiosa: paradoxo ou convergência?

---

*A Religião é, nesta linha, um processo progressivo que evolui a pari passo com a própria civilização. A evolução do indivíduo que se aglutinou em famílias, que se alargaram em clãs, depois em tribos que formaram as cidades-estado é uma evolução significativa desde os primórdios da humanidade: é inegável defender que nada mudou desde um ou outro estágio da humanidade; é ao mesmo tempo inegável negar a importância daquele estágio considerando o estágio presente como o único relevante.*

**Sam Hadji Cyrus**

*Mestre em  
Psicoterapia Relacional*

---



---

## Introdução

---

De acordo com a Encyclopedia of Psychology and Religion (2010), o termo religião deriva «do latim, religare, ligar, restringir, reconectar». A «religião é um sistema definido de fé e adoração ou fidelidade ou devoção a um princípio» (p. 764), uma «regra de vida» (BAUSANI, 2005, p. 11) para aqueles que a professam, «a expressão máxima do humanismo» através da utilização a solidariedade (RIBEIRO, 2004, p. 25).

É comum considerar religião como um sistema independente de crenças e valores que agregam em si uma atitude ante a vida material e uma relação com uma existência supra-material — ela é uma visão de mundo que guia (ou deveria guiar) os seus adeptos ao caminho justo. É assim que a religião — seja ela a-teísta (Budismo), monoteísta (Cristianismo, Fé Bahá'í, Judaísmo, Islamismo e Zoroastrianismo) ou politeísta (Hinduísmo) — se torna um fenômeno surpreendente: ela torna-se realidade o que era até então inimaginável.

Um bom exemplo comprovando a asserção de que uma religião surpreende fazendo o inesperado possível, é o caso das tribos árabes antes da fundação do Islamismo por Maomé. Eles poderiam ser descritos como tribos que...

...viviavam no mais baixo nível de barbárismo, de selvajaria; comparados a eles, os sel-

SAM HADJI CYROUS

vagens da África e índios da América eram tão adiantados como Platão. Estes não enterram vivas as filhas, como faziam os árabes, vangloriando-se disso como se fora coisa louvável. Muitos homens ameaçavam as esposas, dizendo: «Se deres à luz uma filha, matar-te-ei.» Ainda hoje os árabes desprezam as filhas. Além disso, naquele tempo era permitido a um homem esposar mil mulheres, e a maioria tinha mais de dez no lar. Quando essas tribos faziam guerra, a tribo vitoriosa levava consigo as mulheres e crianças inimigas e as escravizava. ('ABDU'L-BAHÁ, 2001, p. 35).

E à medida que o Islã se disseminava entre a população assim descrita, mudanças tremendas aconteceram em seu seio. O historiador DRAPER (1864) descreve os territórios que estiveram sob domínio islâmico e seus líderes da seguinte forma:

Os califas de Córdoba distinguiam-se como patronos da aprendizagem, e estabeleceram um exemplo de refinamento fortemente contrastando com a condição dos príncipes nativos da Europa. Córdoba, sob sua administração, no mais alto ponto de prosperidade, ostentava mais que duas centenas de milhares de casas, e mais de um milhão de habitantes. Após o por do sol, um homem poderia caminhar por ela em linha reta por dez milhas sob a luz de lâmpadas públicas. Setecentos anos após esse tempo não havia nem uma lâmpada pública em Londres. Suas ruas eram solidamente pavimentadas. Em Paris, séculos subsequentes, ao sair de seus umbrais num dia de chuva se pisava até seus tornozelos na lama (pp. 347-348).

Draper relata que, após o domínio muçulmano, mais de 70 bibliotecas foram estabelecidas no território do Sul de Espanha, a maioria das quais à volta dos seus templos, textos enciclopédicos foram redigidos, política de educação compulsória implementada, e artes e esportes admirados e replicados nos países do Norte da Europa. Tão grande era a influência da nova religião que «tão cedo quando no décimo século, pessoas possuindo um gosto por aprendizagem e por amenidades elegantes encontravam-se, de países adjacentes, a caminho de Espanha; uma prática ainda mais idultável em anos subsequentes, quando se tornou ilustrada pelo brilhante sucesso de Gerbert, quem passou (...) da infiel Universidade de Córdoba ao papado de Roma» (Ibid., p. 351), sob o nome de Silvestre II.

Tamanho parece ser o poder de um movimento religioso que ele converte o mais baixo nível de barbarismo em seres humanos dotados de um gosto por aprendizagem e por amenidades elegantes. E esse fenômeno não é exclusivo do Islã: simples pescadores e grandes letrados tanto no Cristianismo como na Fé Bahá'í tiveram a coragem de, jamais renunciando sua fé, darem as suas vidas em martírio como exemplo de firmeza e constância; líderes ateus e politeístas foram capazes de se unir sob a orientação do Budismo; e escravos egípcios divididos em doze tribos se juntaram sob a orientação do fundador do Judaísmo para saírem como cidadãos livres.

A religião – creia-se ou não na sua origem e inspiração transcendente – torna-se reconhecida fonte de transformação humana, na época e local na qual se manifesta. Esse é o processo de re-ligare: talvez ao mesmo tempo que liga ao Transcendente, a religião re-liga seres humanos uns aos outros, num caminho de evolução a partir do ponto no qual se encontravam.

Mas, para isso, ela deve inspirar às pessoas, dando-lhes um novo ânimo e uma nova esperança de futuro – nutrindo de uma visão mais otimista de um futuro no

qual virá «a nós o Vosso Reino», como anuncia a oração bíblica, ou o «Dia do Julgamento», como profetizado no Alcorão. A sua eficácia é assim medida na sua capacidade de tornar cada ser humano um ser pleno capaz de buscar e encontrar sentido para a sua própria existência.

Com isso a religião torna-se como que uma argamassa que une as dimensões humanas, fazendo de um homúnculo mecânico e determinista um verdadeiro ser humano capaz de tomar as suas decisões.

Segundo FRANKL (2002) o ser humano possui três dimensões existenciais, e ignorar qualquer uma delas ou focar em uma delas é fazer do humano, um mini humano, um homúnculo incompleto. A saber, as dimensões são: espírito, mente e corpo. O corpo é a parte biológica do ser vivente, que se relaciona com a psique, pois «Para que a mente se manifeste, é mister que o corpo humano seja completo; só em corpo são, pode haver mente sã» ('ABDU'L-BAHÁ, 2006, p. 21). É nessa dimensão que as religiões focam quando trazem preceitos como jejuns, higiene pessoal e alimentação. É a preocupação com a dimensão da vida orgânica.

Por outro lado, a mente – ou psique, ou dimensão psíquica – interage com as demais dimensões e é ela que permite a manifestação de sentimentos, sensações, e cognições. Quando uma religião traz em si preceitos (muitas vezes em formato de parábolas) sobre o que fazer perante um determinado sentimento, ou como decidir ante situações específicas, ela está focando nessa dimensão psíquica do ser humano.

Por fim, todo ser humano é dotado de um espírito, i.e. de uma «peculiaridade e singularidade» (GUBERMAN e SOTO, 2005, p. 117), a sua «dimensão mais íntima, genuína, constitutiva e distintiva» (FREIRE, 2002, p. 61). É somente através dessa dimensão espiritual que o ser humano pode integrar-se na sua totalidade, pois é daí que surgem as faculdades exclusivamente humanas como a inteligência e a volição, que lhe permitem agir de acordo com a sua liberdade. É essa dimensão humana que lhe permite controlar os impulsos e as necessidades que surgem, concedendo as capacidades de liberdade / autonomia e vontade para superar as condicionantes que o circundam. É assim que a religião se torna a re-ligação do homem consigo mesmo, re-ligando todas as suas dimensões humanas em um ser humano pleno.

E a religião surge, de tempos em tempos, com princípios que conjugam, integram e harmonizam a incondicionalidade da dimensão espiritual humana com a condicionalidade da sua dimensão orgânica (psicofísica): é a partir da dinâmica do espírito que surgem as capacidades necessárias para executar as suas decisões perante aquelas mesmas condições que antes do encontro com a religião lhe faziam seguir um caminho estagnado ou regredido.

É na religião que o humano encontra a organização e ordenação necessárias para que a tridimensionalidade ontológica lhe ajude a construir a própria realidade integrada e integradora, desenvolvendo «três propriedades especiais»: liberdade, responsabilidade e capacidade conciliadora (WATZLAWICK, 1995, pp. 82-3).

É por isso que quando as ciências exatas reduzem o homem ao biologismo – i.e., a sua dimensionalidade física –, a psicologia ao psicologismo – a crença de que o ser humano se reduz apenas à sua dimensão psíquica e cognitiva –, as ciências sociais caem no reducionismo do sociologismo – ao acreditar que o ser humano é mero resultado de suas interações sociais –, e alguns movimentos religiosos vagueiam pelo caminho do espiritualismo – na crença que apenas o etéreo mundo idealizado (por

SAM HADJI CYROUS

eles) do espírito é que conta –, criamos «uma visão unilateral, unidimensional do homem, resultando uma imagem deformada do mesmo» (NOBLEJAS, 1994), aquele homúnculo limitado que é excluído e se exclui ou, pior, um homúnculo capaz de cometer as maiores atrocidades em nome de uma crença.

### *Ciências e Religião Vs. Ciência ou Religião*

Uma das principais formas de preconceitos existentes no mundo é o fanatismo religioso; e esse fanatismo tem duas origens que se complementam e se enraízam uma na outra.

Quando uma pessoa acredita (ou é levada a acreditar) que a sua vida é monodimensional (contrário à ideia de tridimensionalidade ontológica de Frankl), ela acredita que nada do que fizer é relevante, e corpo e mente são relegados a um segundo plano. Torna-se capaz de se abstrair de comer, de beber e até relega para um plano inferior o seu instinto de sobrevivência. Um tal homúnculo reduzido ao espiritualismo entra numa encruzilhada: ou segue um caminho no qual se prejudica a si mesmo ou outro que prejudica aos outros.

No primeiro caminho está o ascetismo e o isolamento do mundo; a preocupação com o seu próprio progresso e com a sua própria evolução espiritual. Além de perder a oportunidade de desenvolver virtudes subjacentes ao convívio com os demais (solidariedade, paciência, polidez de conduta, entre outros), se a religião é um re-ligar entre pessoas, o caminho de isolamento não pode ter outro nome senão um des-ligar.

Um segundo caminho será trilhado por aqueles que acreditam que o seu dogma religioso instituído é a única explicação e solução para os problemas da humanidade, e que não compreendem a possibilidade de sua visão de mundo diferir da dos demais, desenvolvendo uma intolerância ao diferente que, acaba, muitas vezes, conduzindo ao ódio que se torna causa de revolta, destruição e degradação. Exemplo disso são as perseguições aos cristãos pelos judeus durante as primeiras décadas da religião Cristã, a Inquisição Cristã alguns séculos após, e, mais recentemente, ataques terroristas atribuídos a facções extremistas do Islamismo.

Seria inclusive interessante fazer-se um estudo para se verificar se é realmente correto afirmar o que muitos historiadores e leigos têm afirmado: se a maioria dos conflitos mundiais têm, de alguma forma, preconceito religioso, fanatismo e ódio sectário como panos de fundo. Ao longo dos tempos, vários religiosos reduzidos ao espiritualismo e esquecidos da importância de princípios como o livre pensamento, o desenvolvimento intelectual e outros atributos da dimensão psíquica consideraram-se detentores exclusivos da misericórdia divina: cristãos e muçulmanos que consideravam judeus como inimigos de Deus; ou judeus que, por seu turno, consideravam infiéis aos cristãos e aos muçulmanos inimigos e destruidores da lei mosaica.

Assim sendo, para se transpor o limite do espiritualismo, a pessoa deve, antes de tudo, afastar-se das superstições tradicionais do passado. Judeus, budistas, muçulmanos e nem cristãos estão livres delas! As diversas formas de religiosidade têm-se tornado igualmente apegadas à tradição e a dogmas mais ou menos instituídos. Os adeptos de cada religião consideram-se os guardiões da verdade e às demais religiões como conjunto de erros: eles estão certos e os demais errados! Enquanto a pessoa se

ligar à forma externa da religiosidade, não poderá discernir que tais práticas, ainda que possam ser belíssimas, são como que roupagens cobrindo a realidade interna da religião. Se, e.g., um zoroastriano crê que a divindade é o fogo, como se poderá religar aos crentes de outras designações? Enquanto os cristãos se separam em ramos que idolatram lados diferentes da mesma fé, como poderão defender a unicidade de Deus? É, por isso, antes de iniciar um estudo da religião (seja o leigo à procura de sua religiosidade ou o estudioso que tenta compreender o fenômeno religioso) fundamental abandonar os preconceitos subjacentes às tradições.

Para isso, a ciência deve ser aceita. Uma verdade não pode ser contestada por outra verdade. O espírito subjacente ao empreendimento científico é a curiosidade livre de ideias preconcebidas.

A história humana está repleta de progressos e regressos devido à luta contínua entre superstição e curiosidade científica. PESECHKIAN (no prelo) relata os casos de curiosos como Colombo, Galvani e Harvey ridicularizados por seus contemporâneos, e de Giordano Bruno e Galileu que acreditavam no heliocentrismo – o primeiro queimado como herege e o segundo obrigado a abjurar seu conhecimento. Mas é também verdade que em determinadas situações a curiosidade científica convertida em iniciativa científica permitiu o progresso. Quando, em 1865, Graham Bell criou o telefone, um jornal chegou a escrever: «Certamente pessoas espertas e inteligentes sabem que é impossível a transmissão da voz humana através de um cabo. E, mesmo que não seja impossível, é inútil» (cit. in *Ibid.*), e outro jornal publicou um artigo apelando às autoridades que fizessem parar as suas insanas atividades. A ideia de construir a Torre Eiffel foi vista por mais de 300 renomados cientistas da época como um erro e Darwin chegou mesmo a ter medo de publicar as suas ideias. No fim, tanto Darwin, como Eiffel e Bell tiveram os seus projetos convertidos em marcos históricos do desenvolvimento humano.

Assim, a superstição que nasce de um reducionismo qualquer, e que pode mesmo impedir o desenvolvimento, deve ser substituída pela busca incessante de conhecimento. Regressando ao tema deste trabalho, enquanto a ciência busca encontrar os fatos, a religião busca dar sentido a esses fatos. Uma não pode desejar sobrepor-se à outra:

Podemos imaginar a ciência como uma asa e a religião como a outra; um pássaro necessita de duas asas para voar, uma apenas seria inútil. Qualquer religião que conteste a ciência ou a ela se oponha é mera ignorância – pois ignorância é o oposto do conhecimento ('ABDU'L-BAHÁ, 2005, p. 127).

A religião não pode, portanto, consistir apenas de ritos e cerimônias preconceituosos que des-ligam quem não os pratica: ela deve incentivar a busca pelo conhecimento comum que re-liga um ser humano ao outro. Como atribuído a um proeminente líder islâmico, 'Alí, «O que está em conformidade com a ciência está também em conformidade com a religião». Afinal, como acreditar em algo que a ciência prova ser impossível? Desconsiderar a razão e crer em algo assim é desprezar a dimensão psíquica e cair no reducionismo espiritualista: é entrar no campo da superstição ignorante.

Contudo, porventura, não se pode cair na ideia de que tudo é passível de compreensão: «não se pode esquecer que a Revelação [ou, mais amplamente, religião]

SAM HADJI CYROUS

permanece envolvida no mistério» e que a «a razão possui o seu espaço peculiar que lhe permite investigar e compreender» (JOÃO PAULO II, 1998).

Ser capaz de explicar racionalmente o fenômeno religioso será como explicar racionalmente o amor «como a sublimação de impulsos e instintos que o homem compartilha com os outros animais»; isso seria um procedimento pseudocientífico «que estuda fenômenos humanos e, ou lhes reduz a fenômenos subumanos, ou os deduz a partir deles» (FRANKL, 1982, cit. in FREIRE, 2002, p. 162).

Cabe, portanto, ao estudioso da religião auxiliar a razão em seus esforços de entender o mistério que há nos sinais que a própria religião apresenta, ao mesmo tempo que permite que «a mente possa autonomamente investigar inclusive dentro do mistério, pelo uso dos próprios métodos da razão, olhando para além da aparência para adquirir um entendimento mais profundo do significado que eles encerram» (JOÃO PAULO II, 1998). É aqui que o equilíbrio é encontrado: a razão científica, por um lado, inquire e anseia por mais conhecimento, enquanto a religiosidade, por outro lado, aceita humildemente a sua incapacidade de encontrar resposta a todas as perguntas que faz. Tendo uma postura de humildade, o ser humano faz novas perguntas que a ciência irá procurar responder; ao conseguir responder surgem novas perguntas que lhe fazem sentir mais ignorante (a douta sabedoria de Sócrates) buscando ainda mais conhecimento; ao não encontrar a resposta compreenderá a sua pequenez perante os mistérios da existência. Assim, ciência e religião tornam-se dois pratos da mesma balança, tentando-se equilibrar mutuamente através da razão.

Estabelece-se assim uma relação indissociável entre razão, ciência, religião e a busca da verdade. Parafraseando o livro de Provérbios: «É a glória de Deus que oculta as coisas, mas é a glória dos reis buscá-las» (25:2).

---

### *A Vontade da Verdade*

---

Conforme pôde-se ver, ciência e religião são um caminho no sentido do conhecimento, e compreender os próprios limites implica uma «abertura autocrítica ante o desconhecido», o que FRANKL e LAPIDE (2006) denominam de «vontade da verdade» (p. 15).

A religião e a ciência são testemunhas da insatisfação humana em apenas viver, e do seu constante perguntar sobre o sentido da vida, e o motivo de sua existência e de suas ações. Com a existência da morte, pergunta-se à religião sobre a real finitude da vida, e pede-se à ciência que a adie. Com isso, o humano faz o seu apelo na procura da de algo, de uma explicação, de uma verdade que surge como uma pergunta: Qual o sentido da vida?

Os filósofos procuraram, ao longo dos séculos, descobrir e exprimir tal verdade, criando um sistema ou uma escola de pensamento. Mas, para além dos sistemas filosóficos, existem outras expressões nas quais o homem procura formular a sua «filosofia»: trata-se de convicções ou experiências pessoais, tradições familiares e culturais, ou itinerários existenciais vividos sob a autoridade de um mestre. A cada uma destas manifestações, subjaz sempre vivo o desejo de alcançar a certeza da verdade e do seu valor absoluto (JOÃO PAULO II, 1998).



Em épocas diferentes e de formas diversas, a humanidade tem demonstrado tanto o seu desejo de compreender mais, como as suas contínuas dúvidas: da literatura à música, da pintura à escultura, da arquitetura à filosofia podem-se encontrar sinais dessa incessante busca. O ser humano é o único ser dotado da capacidade de conhecer, por isso, é seu desejo conhecer a verdade subjacente às coisas.

### A Busca da Verdade

Enraizado na própria essência humana, a possibilidade de poder vir a encontrar uma resposta é o que motiva os humanos a inquirirem sobre as questões existenciais que lhe tocam. E ao chegar ao que poderia ser uma resposta, podem até não a ver ou negá-la, mas isso levaria a um estado de ansiedade e dúvida e o ser humano é incapaz de viver em dúvida e, por isso, busca sempre soluções para os seus problemas. A dúvida converte-se assim no primeiro passo para a certeza.

É por isso que aquele que busca deve desenvolver uma série de atributos tais como «paciência, ânsia, desprendimento, resignação, moderação, compaixão para com homens e animais, honestidade e fidedignidade, a capacidade de perdoar, evitar discurso vazio e, finalmente, escolher boas companhias» (SAVI, 2010, p. 9). Tais virtudes são a base de uma busca independente da verdade, seja esta feita por um cientista ou um religioso.

Desejos de aprovação, orgulho ou seguir cegamente uma tradição apenas pelo fato de outros também o fazerem são impeditivos que rebaixam o verdadeiro aspirante de conhecimento e o impedem de agir livre de amarras e responsabilmente ante a realidade que ele encontra.

Como foi dito, a dúvida é um passo para a certeza, mas além de duvidar e inquirir, é necessário que o buscador saia para o campo das ações, ou, como diriam os textos sagrados do zoroastrianismo, o buscador deve articular «bons pensamentos, boas palavras», com algo indispensável: «boas ações.»

Assim, o espírito deve conduzir o corpo a agir utilizando as capacidades de compreensão e decisão da dimensão psíquica. E porque qualquer ação implica uma mudança de condição, o processo de conhecimento da verdade – seja ela qual for – é um que demanda empenho.

A partir do modelo de equilíbrio proposto por PESESCHKIAN (1996), podem-se estabelecer quatro vias através das quais a busca pela verdade pode ser feita. A primeira, as sensações físicas, inclui uma gama de percepções físicas e sensoriais que são limitadas no ser humano e, por isso, passíveis de interpretações errôneas (como no caso de ilusões de ótica). Existe também a via realizacional, na qual um sem-número de métodos de pesquisa profissional, incluindo a investigação científica, procuram a evidência imediata e/ou a confirmação por via experimental. A seguir, porque os seres humanos «nascem para uma família e na família crescem para finalmente entrarem na sociedade», aprendemos a confiar no conhecimento adquirido e fornecido por outros, baseando-nos numa «relação interpessoal (...) que é íntima e duradoura» (JOÃO PAULO II, 1998); assim, o ser humano converte-se num ser que além de buscar conhecimento, aprende a confiar no conhecimento de determinadas pessoas ou grupos: o conhecimento surge a partir de relações. Por fim, a verdade pode ser encontrada através das diferentes formas de religiosidade. O equilíbrio es-



SAM HADJI CYROUS

taria quando esse processo de procura da verdade fosse feito através dessas quatro vias, que se complementam:

Eu a busco em toda parte quicá, em algum lugar eu a possa encontrar (BAHÁ'U'LLÁH, 2008, p. 6).

Bem-aventurado o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; Porque é melhor a sua mercadoria do que artigos de prata, e maior o seu lucro que o ouro mais fino. (...) Os seus caminhos são caminhos de delícias, e todas as suas veredas de paz (Provérbios, 3:13-17).

Mas afinal, qual verdade?

Não sendo do escopo desse trabalho aprofundar sobre as vias de chegar à verdade, faz-se fundamental refletir sobre a própria ideia de verdade. Enquanto alguns pensamentos reducionistas (biologismo, psicologismo, sociologismo e espiritualismo) usam uma ou outra via de busca (corporal, realizacional, relacional, ou religiosa), nenhuma delas se faz capaz de compreender a unidade-multiplicidade do fenómeno religioso.

Ao mesmo tempo que pretende re-ligar ao Transcendente, a religião re-liga os seres humanos uns aos outros e re-liga cada pessoa na totalidade de suas dimensões ontológicas e existenciais (corpo, mente e espírito).

Dada toda essa complexidade, qualquer método de análise da realidade torna-se limitado. Pressupostos equivocados podem levar a conclusões falsas, da mesma forma que pressupostos reducionistas levam a conclusões incompletas. E também cada buscador (seja o cientista ou o religioso) está inserido em uma estrutura sócio-cultural específica, o que lhe leva a interpretar e reinterpretar o sentido da realidade de forma diferente de outro buscador. São por isso verdadeiras as palavras atribuídas a Protágoras de Abdera: "o homem é a unidade de medida de todas as coisas" (PLATÃO, s/d., DK80b1).

Assim sendo, ao mesmo tempo que existem verdades ipso facto unívocas e passíveis de serem conhecidas, é também verdade que a realidade não é vista duas vezes da mesma forma. Então, surgem novas indagações:

Então, o que é Realidade? «Pois, Realidade é água», diz Tales. «Realidade é uma esfera sólida», insiste Parmenides. «Realidade é convergência de provas», fala o professor de psicologia. Alguns dos nossos contemporâneos avançam com belas definições paternalistas de Realidade, como se a tivessem em casa em um tubo de ensaio. Outros gaguejam quando confrontados com a indesejável questão (GAIL, 1976, p. 118).

Cada indivíduo é livre de fazer a sua leitura do que é realidade e do que é verdade. Em termos metafóricos, saborear a árvore do conhecimento do bem e do mal, plantada no centro do jardim permitiu que a humanidade saísse da ignorância para o conhecimento e, foi esse conhecimento que mostrou o que é o verdadeiro sofrimento. Tal como Adão e Eva que viram o sofrimento fora do jardim do Éden, Buda encontrou o sofrimento fora do palácio real, Krishna nasceu na própria prisão do sofrimento, Moisés viveu 40 anos de pesadas dificuldades no deserto, Jesus foi morto em uma das mais dolorosas e lentas mortes alguma vez inventadas e BAHÁ'U'LLÁH foi vítima de aprisionamento, exílio e tentativas de assassinato. O último descreve:





A Beleza Antiga consentiu em ser confinada por grillhões, para que a humanidade fosse livrada de sua escravidão; aceitou o encarceramento nesta irreduzível Cidadela, a fim de que o mundo inteiro atingisse a verdadeira liberdade. Até a última gota, sorveu Ele da taça da tristeza, para que todos os povos, da terra alcançassem a perene felicidade e se tornassem plenos de alegria. Isso deriva da misericórdia de vosso Senhor, o Compassivo, o Mais Misericordioso. Temos aceitado o aviltamento, ó vós que acreditais na Unidade de Deus, a fim de vos enaltecer, e sofrido múltiplas tribulações para que vós pudésseis atingir o sucesso e a prosperidade. Aquele que veio edificar de novo o mundo inteiro – vede como é forçado, por aqueles que atribuíram co-participantes a Deus, a morar na mais desolada das cidades! (2001, XLV)

O sofrimento é aspecto distintivo comum entre os fundadores das religiões. Contudo, não é o único!

De fato, cada religião nasce por definição da existência de Deus ou no entanto de uma incognoscível, indescritível Realidade absoluta, graças a qual é possível ao homem transcender a impermanência e as contradições deste mundo (SAVI, 2000, p. 123).

A questão da divindade é um tema que trespassa a totalidade da religião. Ainda que o estudioso possa não conseguir determinar qual terá sido o fundador da primeira religião monoteísta, ele será capaz de afirmar que os primeiros Escritos Sagrados a falarem claramente de uma divindade são aqueles do Judaísmo – não importando se atribuímos esse papel à figura de Abraão, Noé ou até mesmo de Adão. O fundador do Judaísmo – Moisés – defende essa ideia de um Deus uno, descrevendo-o como um deus severo, mas também misericordioso e, séculos depois, Jesus resgata a ideia de benevolência de seu Pai Divino, pouco antes de Maomé reafirmar o conceito de unicidade divina após séculos da crença eclesiástica de um deus tripartido; mais recentemente a Fé Bahá'í adiciona a essa ideia a ênfase da incognoscibilidade divina. O Hinduísmo, por sua vez, mesmo sendo uma religião atualmente politeísta, gira à volta do conceito de Brahman, o deus absoluto que se manifestou em outras divindades ou que rege às demais divindades. MOOMEN (1995) defende que apesar de Buda ter optado não trazer questões metafísicas ao centro de sua religião, ele ensinou a ideia da iluminação na qual todo ser humano pode ser conduzido ao Absoluto transcendente e sem nome. No Zoroastrianismo a figura de Zurvan surge como o pai do bem (Ahura-Mazda) e do mal (Ahriman), um dos quais a humanidade deve escolher para seguir.

É interessante ver que CAMPBELL (1991) menciona essa transversalidade ao afirmar que:

O estudo comparado da mitologia do mundo nos leva a considerar a história cultural do gênero humano como um fato unitário, porque descobrimos que alguns temas (...) tiveram uma difusão mundial, aparecendo em toda parte com novas combinações, mas permanecendo – como os elementos de um caleidoscópio – sempre os mesmos (p. 13).

O homem que decidir buscar a verdade vai, assim, compreendendo o mundo como uma realidade dinâmica, que se abre ante si com inúmeras possibilidades interpretativas. Por isso, uma vez mais, conhecimento e fé tornam-se quase sinôni-

SAM HADJI CYROUS

mos. Ter conhecimento de algo, implica crer (ter fé) que essa informação é verdadeira e poderá ter algum propósito. A dúvida surge quando tantas informações são similares e o buscador não consegue discernir qual é mais verdade que a anterior. Mas, será que existe uma verdade mais verdadeira que outra? O CENTRO MUNDIAL BAHÁ'Í escreveu, em 2006:

Os princípios morais que [as religiões] contêm nada perderam de sua validade. Ninguém que sinceramente faça perguntas ao Céu, caso se realmente persistir, deixará de ouvir uma voz em resposta nos Salmos ou nos Upanishads. Quem quer que possua uma relação com a Realidade que transcenda a esta realidade material, será tocado em seu coração pelas palavras nas quais Jesus ou Buda fala tão intimamente sobre ela. As visões apocalípticas do Alcorão continuam a proporcionar convincente garantia aos seus leitores de que a realização da justiça é fundamental ao propósito Divino (pp. 12-13).

É inquestionável a semelhança entre o que cada religiosidade manifesta, levando inclusive a crer que poderão não existir contradições de grande ordem entre elas. Contudo, existem aspectos que claramente não são universais. Os ritos e as tradições que, como já foi aqui mencionado, são apenas roupagens externas do fenômeno religioso são apenas uma dessas diferenças. A outra diferença – talvez a real – está baseada no momento e nas circunstâncias nas quais cada uma surge. Não é só o ser humano particular que encontra um sentido que varia conforme a situação, a religião também tem um sentido diferente no contexto cultural no qual surge.

É perfeitamente coerente que Moisés tenha proibido a construção de estátuas a um povo que na sua ausência juntou as joias, derreteu-as e construiu um bezerro de ouro para adorar no lugar do Deus Uno (cf. Êxodo). É perfeitamente compreensível que a carne de porco seja proibida a um povo que há quase um milênio e meio desconhecia os mecanismos mais básicos de higiene, como era o povo que veio a ser conhecido como muçulmano. É natural que os bahá'ís tenham surgido no século XIX defendendo a unidade da raça humana através de, entre outras coisas, um idioma universal, tantos séculos após a morte de Jesus num contexto que, conforme demonstram os Evangelhos (cf. João), só importavam três línguas (hebreu, grego e latim, conforme as placas mandadas colocar por baixo da cruz na qual estava ele pregado).

A mudança é um fenômeno natural e seria incoerente pensar que se há mudança na natureza, mudanças sociais e até mudança no indivíduo, a religião não sofresse mudanças também. Acreditar que uma vez tomada a decisão ela não poderá ser alterada, apesar de todo um conjunto de novas circunstâncias, é assumir a religião como arrogante e não humilde, como já se verificou anteriormente neste trabalho.

Assim sendo, à medida que há um progresso civilizacional, é necessário que haja progresso na religião. Dizer que a religião não evolui é como insistir em escrever a duras penas sobre uma pedra ao invés de utilizar um computador que nos permite rapidamente colocar as letras, formar palavras, apagá-las, editá-las e enviar um texto a alguém que vive nas antípodas.

Isso ocorre na medida em que o conhecimento se constrói sobre conhecimento pré-existente. Além disso, o novo conhecimento acaba trazendo um novo sentido à realidade. Portanto, a religião evolui com o progresso da civilização, ao mesmo tempo que o progresso da civilização ocorre pela manifestação de uma nova e mais plena religiosidade. Trata-se de uma contínua construção que jamais se completará; e, por

isso, a sua verdade será sempre relativa – à época e ao contexto na qual surge. SAVI (2010) defende que, nesse processo «cada vez mais amplo e profundo da realidade», torna-se inclusive possível «corrigir posições prévias e ajustar entendimentos antigos e parciais» (p. 10).

Por isso, mais do que considerar a religião ou como diversa – múltipla –, ou como uma só – unida –, deve-se pensar nela como uma unidade-multiplicidade que, sendo uma só se manifesta de diversas formas.

A verdade religiosa é, de facto, apenas uma. O Parlamento das Religiões determina em declaração conjunta firmada por 143 representantes das mais diversas denominações religiosas que:

Há um princípio que é encontrado e que tem persistido em muitas tradições religiosas e éticas do gênero humano, por milhares de anos: O que não desejas que seja a ti feito, não o faças a outros. Ou em termos positivos: O que desejas feito a ti mesmo, faz a outros! Esta deve ser a norma irrevogável, incondicional para todas as áreas da vida, para famílias e comunidades, para raças, nações, e religiões (1993, p. 7).

A conduta ética geral é uma e a mesma para toda a religião, mas ela também passa por uma progressividade. O processo deve ser visto não como repetitivo, mas como progressivo. O simples estudo da Bíblia demonstra esta afirmação. Enquanto Abraão ensinou a unicidade de Deus, e Moisés as leis que devem ser seguidas, Jesus ensinou o princípio de amor. Nenhum deles corrigiu o ensinamento que o seu predecessor trouxe à humanidade, e todos eles construíram sobre o conhecimento anterior um novo conhecimento. Não foram as leis de Moisés que permitiram que o seu povo saísse para a liberdade? Não foram as ideias de Jesus que uniram pessoas tão diversas num império romano que estava sucumbindo? Posteriormente com o Islã, o povo errante da Arábia se uniu para criar o mais vasto império da época (tanto em tamanho como em conhecimento), após Maomé ter-lhes ensinado a importância da submissão à lei e vontade divinas.

Com o Hinduísmo cada pessoa foi chamada a conquistar a si mesma (cf. Bhagavat Gita, III, 19) e no Budismo a pessoa aprendeu o que é o equilíbrio entre um extremo e outro. Interessante, pois com Zoroastro os seres humanos viram a necessidade de tomarem as suas decisões entre um caminho ou outro.

Deste modo, à medida que a humanidade progride, a dimensão espiritual insta a cada ser humano a ir perguntando e tentando compreender a verdade enquanto a instrumentalidade das dimensões física e psíquica lhe permitem fazer uma análise imparcial e continuar na construção do seu conhecimento, fazendo da fé conhecimento consciente.

Se olharmos para o passado vemos essa relação entre a fé e a consciência cada vez mais evidente. Krishna (surgiu há cinco mil anos) estava preocupado em melhorar a pessoa individual; Abraão (há quatro mil anos) falou que havia apenas um Deus que se manifesta a todos os indivíduos; Moisés (há cerca de três milênios e meio) ensinou da importância de se seguir uma lei que trouxesse justiça aos indivíduos que seguissem o Deus uno; Zoroastro (há uns três mil anos) explicou que juntamente à lei, cada indivíduo crente em Deus, deve ser responsável por suas decisões entre o bem e o mal; Buda (há cerca de 2,5 milênios) falou da importância de cada pessoa

SAM HADJI CYROUS

não seguir um caminho único na sua busca pelo Transcendente, mas o caminho do meio e equilíbrio; Jesus (ano 30 d.C.) pregou que o Deus uno cujas leis cada indivíduo opta seguir é um Deus de amor; Maomé (622 d.C.) ensinou aos indivíduos da importância de decidirem seguir os preceitos e as leis do Deus uno e verdadeiro com amor e, sobretudo, com submissão; Bahá'u'lláh (1863 d.C.) explica que se há um Deus que devemos amar e à cuja vontade devemos nos submeter, haverá portanto uma lei divina à qual a humanidade enquanto uma só, cedo ou tarde, irá seguir, de uma ou de outra forma.

Ergue-se assim o edifício do conhecimento religioso. Enquanto alguns preceitos possam parecer transitórios, a Lei Religiosa é uma só que se constrói sobre a Lei do movimento religioso anterior. Acreditar que uma religião é diferente de outra, devido à sua aparência externa, seria como afirmar que os professores de uma escola ensinam coisas diferentes uns dos outros, devido à sua forma de ser. Acreditar que o fundador de uma religião sabe mais ou menos que outro é acreditar que o professor que ensina a somar não sabe multiplicar e apenas aquele que ensina a tabuada conhece a arte da multiplicação.

A Religião é, nesta linha, um processo progressivo que evolui a pari passo com a própria civilização. A evolução do indivíduo que se aglutinou em famílias, que se alargaram em clãs, depois em tribos que formaram as cidades-estado é uma evolução significativa desde os primórdios da humanidade: é inegável defender que nada mudou desde um ou outro estágio da humanidade; é ao mesmo tempo inegável negar a importância daquele estágio considerando o estágio presente como o único relevante.

---

## Conclusão

---

A unidade da Religião assume-se como lógica, e esta ideia é antagônica apenas com a ideia de exclusividade reducionista de que «a minha religião é melhor que a sua». Toda e cada religião ensina que se deve fazer o bem, ser generoso, sincero, veraz, cumpridor da lei e fiel. A forma como cada uma manifesta esses preceitos varia conforme o contexto cultural na qual ela emerge. Por isso, toda religiosidade é um caminho que pode levar ao progresso, e todas as leis da Religião são capazes de se articular com a razão e são adequadas para a população e para a época na qual surgem.

Desta forma, falar-se em religião é falar-se de um caminho que se faz de muitas formas. Falar de religião é falar de uma estrada na qual cada indivíduo percorre um trecho dela (ou a sua totalidade), mas uma estrada única na qual outras pessoas irão ser companheiros e nenhum jamais poderá esquecer que antes e depois daquele trecho no qual cada um se encontra, existem outras pessoas fazendo a mesma viagem.

O caminho é único, a forma e as distâncias são diversas. A unidade da Religião é por isso uma unitas multiplex, uma unidade-multiplicidade.

## Referências bibliográficas

- 'ABDU'L-BAHÁ, *Epístola ao Dr. Auguste Forel*, Mogi Mirim, Editora Bahá'í do Brasil, 2006.
- 'ABDU'L-BAHÁ, *Respostas a Algumas Perguntas*, 5.<sup>a</sup> ed., Mogi Mirim, Editora Bahá'í do Brasil, 2001.
- 'ABDU'L-BAHÁ, *Palestras de 'Abdu'l-Bahá em Paris – 1911*, 4.<sup>a</sup> ed., Mogi Mirim, Editora Bahá'í do Brasil, 2005.
- BAHÁ'U'LLÁH, *Seleção dos Escritos*, 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Editora Bahá'í do Brasil, 2001.
- BAHÁ'U'LLÁH, *Os sete vales: a jornada de um peregrino em busca do ser eterno*, 5.<sup>a</sup> ed., Mogi Mirim, Editora Bahá'í do Brasil, 2008.
- BAUSANI, A., *L'Islam*, 3.<sup>a</sup> ed., Milan, Garzanti Editore, 2005.
- CAMPBELL, J. (1991), *The Masks of God: Oriental Mythology*, 2.<sup>a</sup> ed., Arkana, Penguin Books.
- DRAPER, J. W., *A history of the intellectual development of Europe*, New York, Harper Brothees, Publishers, 1864.
- FRANKL, V. E., *La voluntad del sentido: Conferencias escogidas sobre logoterapia*, 4.<sup>a</sup> ed., Barcelona, Editorial Herder, 2002.
- FRANKL, V. E., *La presencia ignorada de Dios: Psicoterapia y religión*, 11.<sup>a</sup> ed., Barcelona, Editorial Herder, 2002.
- FRANKL, V. E.; LAPIDE, P., *Ricerca di Dio e domanda di senso: Dialogo tra un teologo e uno psicologo*, Torino, Claudiana, 2006.
- FREIRE, J. B., *Acerca del hombre en Frankl*, Barcelona, Editorial Herder, 2002.
- GAIL, M., *Dawn Over Mount Hira and other essays*, Oxford, George Ronald, 1976.
- GUBERMAN, M.; SOTO, E. P., *Diccionario de logoterapia*, Buenos Aires, Grupo Editorial Lumen Hvmantas, 2005.
- JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, Disponível em: <http://www.vatican.va/edocs/POR0064/INDEX.HTM>. Acesso a 02 de Agosto de 2011.
- KAVROS, P. M., «Religion», in LEEMING, D. A. et al., *Encyclopedia of Psychology and Religion*, New York, Springer Science+Business Media, 2010, pp. 764-766.
- KRISHNA, *O Bhagavat-Gita (como ele é)*, 7.<sup>a</sup> ed., São Paulo, The Bhakdivendanta Book Trust, 1989.
- MOOMEN, M., *Buddhism and the Bahá'í Faith. An introduction to the Bahá'í Faith for Theravada Buddhists*, Oxford, George Ronald, 1995.
- NOBLEJAS, M. A., *Logoterapia. Fundamentos, principios y aplicación. Una experiencia de evaluación del «logro personal de sentido»*, Madrid, tese doutoral (não publicada), 1994, p. 29.
- RIBEIRO, J. P. M., «Religião e Psicologia», in HOLANDA, A (org.), *Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia*, Campinas, Editora Alínea, 2004, pp. 11-36.
- PARLIAMENT OF WORLD'S RELIGIONS, *Declaration Toward a Global Ethic*, Disponível em: <http://www.parliamentofreligions.org/>. Acesso a 02 de Agosto de 2011.
- PESESCHKIAN, N., *Positive Family Therapy*, New Dehli, Sterling Paperback, 1996.
- PESESCHKIAN, N., *Viver com sentido: Uma Psicoterapia de Pequenos Passos*, Mogi Mirim, Editora Bahá'í do Brasil, no prelo.
- PLATO, *Protagoras*, Disponível em: <http://ebooks.adelaide.edu.au/p/plato/p71g/index.html>. Acesso a 02 de Agosto de 2011.
- SAVI, J., *A eterna busca por Deus*, Mogi Mirim, Editora Bahá'í do Brasil, 2010.
- SAVI, J., *Per un solo Dio*, Roma, Casa Editrice Bahá'í, 2000.
- UNIVERSAL HOUSE OF JUSTICE, *Uma fé em comum*, Mogi Mirim, Editora Bahá'í do Brasil, 2006.
- VINK, I, *Interfaith Explorer*. Disponível em: <http://bahairesearch.com/>. Acesso a 02 de Agosto de 2011.
- WATZLAWICK, P., *El sinsentido del sentido o el sentido del sinsentido*, Barcelona, Editorial Herder, 1995.